

Osmundo Pontes Viajou

Eduardo Campos

Impressão que me fica, atenuando a sensação de desconforto e áspera saudade, é que Osmundo Pontes partiu para nova viagem, a viagem definitiva. Com a diferença que não é ele que vai voltar para nos abraçar, mas nós que o seguiremos um dia, a tanto, quando Deus autorizar. E desse modo, cada qual a seu turno, e a seu tempo, saberá as boas coisas que o nosso irrequieto viajante experimentou a mais de quantos nos contou em vida, depois da maratona de sessenta viagens internacionais, nas quais jamais se separou de sua adorável Cibele.

Conheci Osmundo Pontes na mais fulminante e vitoriosa campanha, já feita no Ceará, em favor de estudantes a “Campanha do Mil Réis”.

Risonho, franco e disposto, já estava ele em todos os jornais dando conta de suas passadas e do dinheiro arrecadado não só em Fortaleza mas no sul do país, para onde se deslocou em sua, creio, primeira viagem.

Depois, por diante, fui encontrá-lo ainda mais triunfante, entusiasmado com a sua “Revista Contemporânea”, maldosamente acolhida pelos debicantes, mas invejosos, por “extemporânea”.

Mas a revista floresceu e se firmou, coisa bastante difícil em se tratando de publicação dessa natureza. E só teve o seu destino truncado, por capricho da Justiça, que teimava em não aceitar que um magistrado (e a essa altura o jornalista estava no Tribunal Regional do Trabalho) dirigisse revista de letras e negócios.

Mas não perdemos o jornalista. Logo foi ele às páginas dos jornais, a serviço da comunidade, aplaudindo, de preferência os acontecimentos artísticos e literários. Desse modo tenho dele, com

muita alegria, breve mas enaltecendor artigo que escreveu quando me inaugurei nas letras com o livro de contos “Águas Mortas”... (1943)

O mundo dá muitas voltas. Numa dessas fui parar diante dele, como auxiliar imediato, no próprio TRT.

Nunca fui tão acionado ao trabalho como a esses dias. Mesmo quando presidia as sessões da Corte, eu não escapava de seus bilhetinhos cobrando providências. O funcionário, que atendia aos juízes, principalmente ao presidente, não cansava de me trazer novas missões. Quando ia entrando na sala, em que me situava, anunciava:

– Mas um “despacho”, doutor.

Testemunhei de perto o que foram os dia de organização dos grandes congressos de Direito do Trabalho, conclaves reunindo às vezes, sem exagero, mais de 3.000 pessoas. Promoções que trouxeram ao Ceará as maiores autoridades em direito laboral, gente portando teses em francês e espanhol.

Naquela instituição Osmundo Pontes estimulou também, ao máximo, interesse pelas manifestações culturais. Anualmente o Pólo Cultural, que patrocinava conferencistas, apoiava exposições de arte etc. E não faltavam oradores participando de calendário realmente importante para a vida da cidade.

Membro de dois prestigiosos sodalícios do Ceará, jamais deixou de sair à rua, de pires na mão para conseguir fundos que as melhorassem financeiramente. Assim aconteceria recentemente com a Academia Cearense de Letras. Que o diga Fernando Gurgel, da Mecesa...

Sem mais nem menos viajou Osmundo Pontes. Para mim está agora, a toda certeza, conhecendo as delícias e desejada paz do mundo de Deus.